

O CORDEIRO E O PASTOR: JESUS E O DIABO SEGUNDO JOSÉ SARAMAGO

THE LAMB AND THE PASTOR: JESUS AND THE DEVIL ACCORDING TO JOSÉ SARAMAGO

Danielle Massulo Bordignon^{1}*

RESUMO

O trabalho busca apresentar a formação do mito em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, a partir da figura do pastor/mendigo/Diabo. Para tanto, é desenvolvido o argumento de que os objetivos do narrador da obra literária divergem daqueles dos escritores dos evangelhos bíblicos, nos quais Saramago se inspira. Assim, propõe-se que as mensagens dos textos são antagônicas e que Saramago dissolve a dicotomia bíblica entre bem e mal, colocando o Diabo como uma figura mais presente e moderada do que Deus. Dessa forma, utilizam-se formulações teóricas de pensadores como Mircea Eliade, Joseph Campbell e Eliezer Meletinsky para concluir que o mito de Jesus Cristo não surge por sua relação com Deus, mas pela misteriosa presença do Diabo ao longo de sua vida, da concepção até sua morte.

Palavras-chave: José Saramago. O Evangelho segundo Jesus Cristo. Mito. Literatura. Bíblia.

ABSTRACT

This article aims to present the formation of the myth in *The Gospel According to Jesus Christ* by José Saramago, from the perspective of the figure of the pastor/beggar/Devil. In order to do so, it is developed the argument that the narrator's objectives in the literary work are different from those of the gospels' writers, from which Saramago draws inspiration. Thus, it is proposed that the texts' messages are opposing to each other and that Saramago dissolves the dichotomy of good and evil created in the Bible, putting the Devil as a more present and moderate figure than God. To that end, we resort to theoretical formulations by Mircea Eliade, Joseph Campbell, and Eliezer Meletinsky to conclude that the myth of Jesus Christ, therefore, does not arise from his relation to God, but from the mysterious presence of the Devil throughout his life, from conception to death.

Keywords: José Saramago. The Gospel According to Jesus Christ. Myth. Bible.

1 * DANIELLE MASSULO BORDIGNON é graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e mestranda em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



Há um grande muro que separa as pessoas que acreditam em Jesus Cristo daquelas que o veem como Jesus de Nazaré. Os primeiros creem na concepção imaculada, no milagre dos peixes, na ressurreição no terceiro dia. Os últimos, em um homem mortal, generoso, cheio de utopias ou até um revolucionário de seu tempo. A obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, dialoga com ambos os grupos, apresentando Jesus como uma pessoa levada ao martírio, por Deus, contra sua vontade.

A Bíblia expõe a história de Jesus Cristo pelos olhos de seus fiéis seguidores. José Saramago, no entanto, busca contar sua vida a partir de uma outra perspectiva. Não se trata apenas de um Jesus histórico: sua concepção, vida e morte estão cercadas de elementos sobrenaturais. Contudo, aqui ele é certamente um personagem mais terreno que celeste, mais humano que divino, mais imanente que transcendente. O Jesus saramaguiano não aceita, com tranquilidade, o destino divino que lhe é imposto, vivendo conflitos internos que o colocam como vítima de Deus mais do que dos homens.

Historicamente, já o sabemos, os evangelhos bíblicos não são atribuídos às pessoas que os nomeiam. São antes textos anônimos, referidos em homenagem a pessoas chamadas Mateus, Marcos, Lucas e João (LOURENÇO, 2016). Do mesmo modo, não poderíamos considerar *O Evangelho segundo Jesus Cristo* como uma versão da história contada por Jesus, mas concebida a partir da sua ótica. O narrador é uma pessoa do nosso tempo, alguém da contemporaneidade, que inclui com imensa tranquilidade comentários atuais numa história antiga. Esse narrador não idealiza Jesus da mesma forma que os evangelistas bíblicos e seu relato não poupa Deus de críticas contundentes.

Neste trabalho, buscaremos estudar o mito na forma apresentada pela Bíblia para compará-lo com o modelo apresentado por Saramago. Para tanto, problematizaremos duas figuras centrais na formação de Jesus: Deus e o Diabo. Além disso, questionaremos os objetivos dos narradores por trás dos relatos bíblicos e da narrativa literária, visto que a função pedagógica do mito se encontra presente nos dois momentos.

O mito religioso

O conceito de mito trabalhado neste artigo seguirá o proposto por Mircea Eliade, que ensina que o mito “conta uma história sagrada [...] os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do ‘sobrenatural’) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente *fundamenta* o Mundo e o converte no que é hoje” (ELIADE, 1998, p. 11). O autor chama essa manifestação do sagrado de *hierofania*, e atesta que a hierofania suprema pode ser, “para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo” (ELIADE, 1992, p.13).

Já para Joseph Campbell (1990, p. 17), “mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana”, ou seja, para o que é possível “conhecer e experimentar interiormente”. Joseph Campbell afirma que “a tradição bíblica é uma mitologia socialmente orientada”

(CAMPBELL, 1990, p. 37), no sentido que liga as pessoas a uma sociedade em particular, e não com o mundo natural. Campbell divide as funções do mito em quatro vertentes: mística, cosmológica, sociológica e pedagógica. A primeira abriria o mundo para o mistério, a segunda versaria sobre respostas, enquanto a terceira daria “suporte e validação de determinada ordem social” (CAMPBELL, 1990, p. 45). A quarta, a pedagógica, ensinaria às pessoas como viver uma vida humana.

Essa função pedagógica do mito é facilmente identificável como predominante no Novo Testamento. Segundo Eliade (1998, p. 146), “embora representado na História, [o drama de Jesus Cristo] possibilitou a salvação; conseqüentemente, existe apenas um meio de obter a salvação: repetir ritualmente esse drama exemplar e imitar o modelo supremo, revelado pela vida e pelo ensinamento de Jesus”. Assim, os Evangelhos buscam ensinar um comportamento a partir do exemplo de Jesus Cristo. Reza Aslan diz que a atribuição de elementos mágicos a Jesus, como sua habilidade de realizar milagres, não teria um fim apenas de entretenimento, mas justamente de manter aquela função pedagógica:

Não é simplesmente porque não fossem cobradas ou porque nem sempre empregassem métodos de mágico. É que os milagres de Jesus não pretendem ser um fim neles próprios. Ao invés disso, suas ações servem a um propósito pedagógico. Elas são um meio de transmitir uma mensagem muito específica aos judeus. [...] Os milagres de Jesus são apenas a manifestação do Reino de Deus na terra. É o dedo de Deus que cura o cego, o surdo, o mudo, o dedo de Deus que exorciza os demônios. A tarefa de Jesus é simplesmente brandir esse dedo como agente de Deus na terra. (ASLAN, 2013)

O mito, em sua função pedagógica, requer a repetição. Para Gilbert Durand (1998, p. 86), “o mito não raciocina nem descreve: ele tenta convencer pela repetição de uma relação ao longo de todas as nuances (as ‘derivações’, como diria um sociólogo) possíveis”. Já Claude Lévi-Strauss (2008, p. 247) coloca que “a repetição possui uma função própria, que é a de tornar manifesta a estrutura do mito”. O autor ainda afirma que “nada se parece mais com o pensamento mítico do que a ideologia política” (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 224). Isso explicaria o furor com que ambos são tratados. Eliade, por exemplo, expõe que “o judeu-cristianismo, por sua vez, relegou para o campo da ‘falsidade’ ou ‘ilusão’ tudo o que não fosse justificado ou validado por um dos dois Testamentos” (ELIADE, 1998, p. 8), viabilizando disputas e guerras, como vemos até hoje.

Para compreender o texto de Saramago, é necessário entender o Novo Testamento, no qual a obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo* é baseado. Composto por quatro narrativas da vida de Jesus (evangelhos), atos dos apóstolos, cartas, e Apocalipse, o Novo Testamento procura, através da história de Jesus Cristo, estabelecer uma “mensagem”, ou seja, um ensinamento. Ao longo da História, diferentes intérpretes em diferentes tempos pregaram diferentes entendimentos daquilo que essas mensagens trariam. Trata-se da questão mais polêmica do cristianismo: afinal, a missão de Jesus era trazer paz ou espada? Era Jesus um revolucionário ou um pacifista?

A vida de Jesus foi provavelmente registrada muito depois de sua morte, por pessoas que não tiveram contato com ele diretamente, com base em informações passadas oralmente, o que possibilitaria exageros e equívocos. As cartas de Paulo (48 d.C.), anteriores ao primeiro evangelho (70-71 d.C.), representam a primeira alusão a um Jesus mítico, que era a encarnação de Deus na Terra. Os poucos relatos anteriores a esse dão conta apenas de um homem. É importante notar que Paulo, que nunca conheceu Jesus, era cidadão romano e teria recebido forte influência das heranças greco-romanas. Dessa forma, torna-se compreensível que sua visão de Jesus tenha reflexos das crenças daquela tradição, com imagens como a subida aos céus e o lugar ao lado de Deus, tais como as da religião helênica, posteriormente adaptada pelos romanos, que ilustrava um panteão de deuses que habitavam um palácio nas alturas.

Reza Aslan ensina que pouco do que foi escrito sobre Jesus veio das mãos de quem o conheceu pessoalmente. Seus seguidores eram agricultores e pescadores que não possuíam domínio da escrita e transmitiram seus relatos de forma oral até alcançar uma geração de pessoas formalmente educadas que foi capaz de registrar sua história. Segundo o autor, “eles pouco a pouco transformaram Jesus de um zelota revolucionário em um semideus romanizado, de um homem que tentou e não conseguiu libertar os judeus da opressão romana em um ser celestial totalmente desinteressado de qualquer matéria terrena” (ASLAN, 2013). Para Mircea Eliade:

Tudo gira em torno da salvação do homem por Cristo; da fé, da esperança e da caridade; de um Mundo que é “bom” porque foi criado por Deus Pai e redimido pelo Filho; de uma existência humana que não se repetirá e que não é destituída de significação; o homem é livre para escolher o bem ou o mal, mas ele não será julgado apenas por essa escolha. (ELIADE, 1998, p. 150).

O mito literário

Se o foco dos Evangelhos bíblicos é a ascendência divina de Jesus, em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, é a relação de Jesus com o Pastor que confere o elemento mítico ao personagem. Deus não se manifesta tão expressamente quanto o Diabo, e, como o título sugere, o objetivo do narrador não é contar a história do filho de Deus, mas possibilitar que Jesus seja um protagonista, mais do que um instrumento narrativo.

José Saramago toma como inspiração a Bíblia e grande parte dos acontecimentos objetivos permanece a mesma: a História, na medida do possível, não é modificada embora muitas vezes deslocada. Contudo, as intenções e as impressões que os personagens têm desses acontecimentos tornam-se mais complexas e, nesse sentido, mais humanas. Enquanto a ortodoxia ignora que mesmo os fiéis enfrentam contradições subjetivas, a obra de Saramago dá vazão a essas angústias. O Jesus de *Evangelho segundo Jesus Cristo* vive o conflito entre seu corpo profano e sua ascendência sagrada. Para Eliade:

Quanto mais o homem é religioso tanto mais dispõe de modelos exemplares para seus comportamentos e ações. Em outras palavras, quanto mais é religioso tanto mais se insere no real e menos se arrisca a perder se em ações não exemplares, “subjetivas” e, em resumo, aberrantes. (ELIADE, 1992, p. 51)

Da mesma forma que o mito bíblico oferece uma mensagem de salvação, aqui o objetivo do narrador parece ser o de explicar as desgraças do mundo. Adquire-se uma nova perspectiva sobre o nascimento, vida e morte de Jesus, ao mesmo tempo que Deus é visto como um ser mesquinho, egoísta e manipulador. No último parágrafo de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, José Saramago escreve:

Então Jesus compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrifício, que a sua vida fora traçada para morrer assim desde o princípio dos princípios, e, subindo-lhe à lembrança o rio de sangue e de sofrimento que do seu lado irá nascer e alagar toda a terra, clamou para o céu aberto onde Deus sorria, Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez. (SARAMAGO, 1991, p. 444).

O autor movimenta sua narrativa por meio do personagem Pastor/mendigo/diabo. Logo que Maria engravida de seu primeiro filho (Jesus), um pedinte chega à sua casa e, depois de se alimentar, ele aparece “de pé, mas inesperadamente grande, muito mais alto do que antes lhe tinha parecido [...], ao mesmo tempo que as roupas que vestia, velhas e esfarrapadas, se agitavam sacudidas por um vento que não se sabia donde vinha” (SARAMAGO, 1991, p. 32). Ao devolver a tigela vazia:

[...] disse o mendigo com poderosíssima voz, que até nisto o pobre de Cristo tinha mudado, Que o Senhor te abençoe, mulher, e te dê todos os filhos que a teu marido aprover, mas não permita o mesmo Senhor que os vejas como a mim me podes ver agora, que não tenho, ó vida mil vezes dolorosa, onde descansar a cabeça. (SARAMAGO, 1991, p. 33)

Em seguida, o pedinte toma um punhado de terra e, enquanto a deposita na tigela, recita uma versão do ensinamento do Antigo Testamento, afirmando: “O barro ao barro, o pó ao pó, a terra à terra, nada começa que não tenha de acabar, tudo o que começa nasce do que acabou” (SARAMAGO, 1991, p. 33). Então, o mendigo se revela como anjo (mas, como o narrador aponta mais tarde, sem dizer se era do céu ou do inferno).

No caminho de Belém, para o recenseamento, José vê o mendigo por um instante ao lado de Maria, ainda grávida. Contudo, logo depois, se pergunta se “aquele homem teria sido uma imagem do seu filho feito homem, que viera do futuro para dizer-lhe, Assim eu serei um dia, mas tu não chegarás a ver-me assim” (SARAMAGO, 1991, p. 71). A passagem funciona como um prenúncio: terá Jesus, quando adulto, mais semelhança com o Diabo do que com Deus?

Após o nascimento de Jesus, a família recebe a visita de pastores, que trazem presentes. Um deles, que parecia encher a cova com sua grande estatura, “disse, mas não olhava nem o

pai nem a mãe da criança nascida, Com estas minhas mãos amassei este pão que te trago, com o fogo que só dentro da terra há o cozi. E Maria soube quem ele era” (SARAMAGO, 1991, p. 84). Estamos diante de uma definição proverbial: Jesus recebe o pão que o diabo amassou. Maria não reconhece o pastor apenas como o mendigo que a visitou meses antes. O narrador dá a entender que ela sabe quem aquela pessoa é, mais do que sua aparência.

O personagem novamente aparece para Maria na noite do assassinato das crianças a mando do rei Herodes a fim de lembrá-la do crime cometido por José ao não alertar outras pessoas sobre o atentado que estava por vir. Afirma que não é anjo de perdões e que “sobre a cabeça dos filhos há-de sempre cair a culpa dos pais” (SARAMAGO, 1991, p. 116).

O pastor ressurge ainda após a morte de José, quando Jesus já é adolescente e sai da casa da mãe. O narrador aproveita o vazio da narrativa oficial, que elide o tempo da juventude de Jesus, para preenchê-lo ficcionalmente com esse longo tempo passado com Pastor. Os dois se encontram na cova onde Jesus nasceu, e este pede para que o Pastor o aceite como ajudante. Somam-se então índices da identificação de Pastor com o Diabo quando ele molda um cajado a partir de um pedaço de pau em uma fogueira. Ao entregá-lo, “Jesus teve de largar o pau para o chão, tão quente estava. Como pôde ele aguentar, pensou, e não encontrava resposta” (SARAMAGO, 1991, p. 227). Lembre-se aqui o que Bachelard escreve sobre o fogo: “o ser fascinado ouve o *apelo da fogueira*. Para ele, a destruição é mais do que uma mudança, é uma renovação” (BACHELARD, 1994, p. 25). Podemos considerar, portanto, esse momento como uma atualização do elo entre Jesus e o Diabo. Considerando o simbolismo que a figura do cordeiro possui na Bíblia (MELETINSKY, 1997, p. 97), temos aí um momento significativo da mensagem de Saramago. O que se verá é que o diabo tenta a todo instante – diabólico que é – desmontar o plano de Deus. Não quer Jesus como seu cordeiro, quer que ele se transforme num homem com capacidade de discernimento para ser capaz de se opor ao seu destino de “cordeiro de Deus” imolado na terra. Por isso sugere que ele não faça a oferenda da Páscoa. Em outras palavras, que ele não imole o cordeiro. Tenta lhe mostrar a incongruência de ele ser um pastor e levar o cordeiro ao sacrifício. Jesus não o entende. O pastor desiste ali definitivamente de ser seu mestre e manda-o embora. Jesus desde então sentiu-se perdido e caminhava em direção à fatalidade do seu destino: morrer em nome de deus. Ser ele próprio o cordeiro.

A repetição em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, assim como na Bíblia, serve a um propósito de formação do mito. Para Meletinsky, “Literary mythification is dominated by the idea of an eternal, cyclical repetition of mythological prototypes under different ‘masks’, which means that literary and mythological protagonists can play various roles and be replaced by a variety of characters”² (1997, p. 22). Assim, o Diabo aparece repetidamente não somente para adicionar a malícia à narrativa, mas para demonstrar que ela está mais presente nas nossas vidas do que imaginamos.

2 “A mitificação literária é dominada pela ideia de uma repetição eterna, cíclica de protótipos mitológicos sob ‘máscaras’ diferentes, o que significa que protagonistas literários e mitológicos podem interpretar diferentes papéis e ser substituídos por uma variedade de personagens” (Tradução nossa).

Enquanto o mito cristão apresenta “uma divisão rígida entre o bem e o mal (anjos e demônios)” (MELETINSKY, 1997, p. 32, tradução nossa), a obra de Saramago faz esmorecer essa linha e coloca as duas partes em diálogo. Na célebre cena da barca, quando Jesus encontra Deus e o Diabo para entender sua origem e seu propósito na vida, ele e o leitor sofrem um grande impacto ao descobrir que os propósitos de Deus com o seu sacrifício não estavam voltados para o bem da humanidade, mas para a difusão de sua influência. Deus coloca para Jesus exatamente a função pedagógica do mito como método de expansão da sua religião:

Devo-lhes contar histórias, então, Sim, histórias, parábolas, exemplos morais, mesmo que tenhas de torcer um bocadinho a lei, não te importes, é uma ousadia que as pessoas timoratas sempre apreciam nos outros, eu próprio, mas não por ser timorato, gostei da maneira como livraste da morte a adúltera, e olha que é muito dizer da minha parte, pois essa justiça pu-la eu na regra que vos dei (SARAMAGO, 1991, p. 376-377).

Mais paradoxal em termos de ortodoxia é a tentativa do Diabo em poupar Jesus e formar um compromisso de paz com Deus, ao que este responde:

Porque este Bem que eu sou não existiria sem esse Mal que tu és, um Bem que tivesse de existir sem ti seria inconcebível, a um tal ponto que nem eu posso imaginá-lo, enfim, se tu acabas, eu acabo, para que eu seja o Bem, é necessário que tu continues a ser o Mal, se o Diabo não vive como Diabo, Deus não vive como Deus, a morte de um seria a morte do outro (SARAMAGO, 1991, p. 392-393)

Dessa forma, percebe-se que, na perspectiva de Deus, Jesus nunca foi um sujeito, e sim um objeto. Saramago é quem tenta dar protagonismo a Jesus. Sua admiração pelo personagem justifica sua obra, sua homenagem. Nos momentos finais da vida de Jesus, Deus sorri, enquanto o Diabo coloca a tigela que o acompanhou ao longo de sua vida aos seus pés:

Ainda havia nele um resto de vida quando sentiu que uma esponja embebida em água e vinagre lhe roçava os lábios, e então, olhando para baixo, deu por um homem que se afastava com um balde e uma cana ao ombro. Já não chegou a ver, posta no chão, a tigela negra para onde o seu sangue gotejava. (SARAMAGO, 1991, p. 444-445)

Essa última frase retoma uma reflexão anterior do Diabo: “É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue” (SARAMAGO, 1991, p. 391). Não é somente o sangue dos infiéis que será derramado em nome de Deus, mas o de seus seguidores e, principalmente, de seu filho.

Conclusão

O Novo Testamento bíblico conta uma história mítica em torno de Jesus Cristo. Com *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, o projeto não poderia ser mais diverso.

Jesus Cristo é mito. É algo inerente ao seu nome: Cristo, ungido, sagrado. O romance de Saramago opta por fazer ressaltar a sua dimensão humana. Enquanto a Bíblia foca na relação de Jesus com Deus, Saramago cria seu mito pelo relacionamento de Jesus com o Diabo. É o

Diabo que está presente na sua concepção, é o Diabo que está presente no seu nascimento, na sua formação como pessoa e na sua morte. Ainda, é ele que tenta salvar Jesus, enquanto Deus está disposto a sacrificar seu filho pela difusão do próprio nome.

A repetição das aparições do Diabo em todos esses momentos da vida de Jesus no romance de José Saramago relê às avessas o papel de Deus no Novo Testamento. Enquanto a Bíblia afirma que “O Senhor é meu pastor” (BÍBLIA, p. 378), aqui, o Pastor é o Diabo e Jesus seu aprendiz. Jesus é cooptado por Deus e torna-se seu cordeiro apenas para fins sacrificiais, mas seu verdadeiro mentor é o Diabo.

O Jesus de José Saramago tem um objetivo na Terra que difere em muito daquele apresentado pelos evangelistas no Novo Testamento. Se a figura mítica é retomada, o que ele ensina, contudo, é outra história.

Referências

ASLAN, Reza. **Zelota**: a vida e a época de Jesus de Nazaré. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. *E-book*.

BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Tradução Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Tradução Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LOURENÇO, Frederico. Introdução aos quatro Evangelhos. *In*: BÍBLIA. **Bíblia**: Novo Testamento: Os quatro Evangelhos. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. *E-book*.

MELETINSKY, Eleazar M. **The poetics of myth**. Tradução Guy Lanoue e Alexandre Sadetsky. New York; London: Routledge, 1997.

SARAMAGO, José. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.